

OBRAS
COMPLETAS
DE LUIZ
VAZ DE
CAMÕES
I VOLUME
ÉPICA &
CARTAS

ORGANIZAÇÃO · INTRODUÇÃO · NOTAS
MARIA VITALINA LEAL DE MATOS



ÍNDICE

BIOGRAFIA	9
APRESENTAÇÃO	19
OS LUSÍADAS	29
CANTO I	31
CANTO II	65
CANTO III	99
CANTO IV	141
CANTO V	173
CANTO VI	203
CANTO VII	233
CANTO VIII	261
CANTO IX	293
CANTO X	323
INTRODUÇÃO ÀS CARTAS	373
CARTAS	383
PRIMEIRA PARTE	
CARTAS DE CEUTA DA ÍNDIA E DE LISBOA	385

LUIZ VAZ DE CAMÕES

CARTA I <i>[Escrita de Ceuta]</i>	387
CARTA II <i>Mandada da Índia a um amigo</i>	401
SEGUNDA PARTE CARTAS DE LISBOA	405
CARTA III <i>De Lisboa, a um seu amigo</i>	407
CARTA IV <i>De Lisboa a um seu amigo, em que lhe dá novas da Cidade</i>	413
SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS	417

BIOGRAFIA

Luís Vaz de Camões nasceu em 1524 ou 1525, em Lisboa. Descende de uma família originária da Galiza, que se diversificou em vários ramos, com várias profissões e estatutos. O nosso Autor pertence ao ramo de Coimbra, considerados «fidalgos da casa real». Esse estatuto, porém, não deve iludir-nos: se pertencia à pequena nobreza, isso não constituía qualquer garantia económica. Camões foi sempre (ou quase sempre) pobre. Verifica-se também, no ramo de que descende, o apreço pelos estudos e pela cultura.

Os seus pais foram Simão Vaz de Camões (por sua vez descendente de Antão Vaz de Camões¹ e de Guiomar Vaz da Gama, ainda aparentada com a família de Vasco da Gama) e Ana de Sá, de Santarém.

Um tema controverso diz respeito aos estudos: sabe-se que Camões nunca frequentou a universidade; em Coimbra, tinha um parente, D. Bento Camões, prior do Colégio de St.^a Cruz, que pode ter influenciado a sua formação escolar e cultural. Mas também pode ter sido simplesmente orientado em Lisboa por um grande humanista, André de Resende², o inventor do vocábulo *lusíadas*,

¹ Segundo M. Severim de Faria, um dos biógrafos de Camões, este avô «indo por capitão de ãa nau à Índia [...] se perdeu na Costa em terra firme de Goa, e escapando do naufrágio morreu pouco depois na mesma cidade» (*Discursos Vários Políticos*, IN-CM, 1999, pp. 105-106).

² Como admite Aires A. Nascimento, in *Dicionário de Luís de Camões*, coord. de Víctor Aguiar e Silva, Caminho (Leya), 2011, na p. 433 (artigo «Humanismo»), onde diz: «Seguiu as lições de André de Resende, quaisquer que tenham sido

e com o qual manifesta afinidades no tratamento da mitologia, na epopeia.

De qualquer modo, a cultura que revela é de uma extensão e profundidade excepcionais, obtida quer através da leitura dos clássicos no original (Virgílio, Horácio, Ovídio, Homero³, etc.), quer através da consulta de antologias e de manuais eruditos organizados na época, que compilavam ditos, anedotas, frases, exemplos, e até de gramáticas⁴.

Durante a sua juventude frequentou meios muito diferentes: uma vez ou outra, terá tido acesso ao Paço, à Corte⁵, pois alguns poemas atestam um convívio galante e o domínio das convenções da poesia palaciana. Mas este convívio foi raro.

Mais frequentemente, como documentam as Cartas, procurava ambientes boémios e libertinos, com rapazes estroinas, dando-se com prostitutas e rufiões, o que resultou em cenas de estúrdia, uma vez pelo menos com consequências sérias. Na noite da festa do Corpo de Deus, sucedeu uma rixa em que esteve envolvido e da qual saiu um ferido: Gaspar Borges, arrieiro do rei, que se queixa e obtém a prisão de Camões no tronco da cidade. Estes factos são confirmados por um dos documentos mais fidedignos de que dispomos: uma Carta régia de perdão, de 7 de Março de 1553, na qual se diz que o queixoso se considera ressarcido e que o preso, agora libertado, partirá para a Índia pouco depois.

Entretanto, Camões já tinha prestado serviço militar numa expedição a Ceuta: toma parte numa batalha onde é ferido num olho. De Ceuta, escreve a elegia *Aquela que de amor descomedido*, poema que mostra como o poeta domina perfeitamente a linguagem

outras escolas e bibliotecas que ele tenha frequentado; existem coincidências entre os dois que não podem deixar de chamar a atenção – *lusíadas*, a palavra criada por Resende; o mito de Ulisses é fundador em ambos; nos também se descobre Vénus como figura afectá aos portugueses em oposição a Baco.

³ Camões entendia o latim, mas não o grego.

⁴ Ravisius Textor, Rodighinus ou Nebrija. (Cf. A. da Costa Ramalho, recensão crítica a José Hermano Saraiva, «Vida ignorada de Camões», separata de *Humanitas*, F.L.U. de Coimbra, 1977-78; e R. M. Rosado Fernandes «Camões et l' héritage classique», *Em Busca das Raízes do Ocidente*, Lisboa, Alcalá, 2006, vol. 1, pp. 547-569).

⁵ Veja-se a carta e o poema endereçado a D. Francisca de Aragão, aia da rainha D. Catarina, em que glosa o mote que ela lhe dá.

poética, e uma carta muito longa endereçada a um companheiro igualmente dado às letras.

Existe um manuscrito, publicado por Christopher Lund⁶, onde podemos encontrar lembranças que Camões deixou, registrando que se tratava de uma personagem popular, capaz de ditos com grande a-propósito, bom humor e intervenções cortesãs, como é o caso das voltas à cantiga *Perdigão perdeu a pena*⁷.

Uma das anedotas traça mesmo o retrato físico e psicológico do poeta: «Foi nas feições do corpo alto de estatura, largo das espáduas, de cabelo ruivo, no rosto sardo, e torto dos olhos; era de entendimento agudo, do juízo claro e raro engenho, na humanidade visto, na ciência versado, nas armas destro, no ânimo valente, concorreram com ele muitos homens de habilidade, os quais ora em casa de um ora em casa doutro passavam alegremente a vida em disputas curiosas, ditos galantes, deleitosa conversação; os poetas davam-se motes e grosavam-nos de repente; os que o não eram julgavam de melhor composição»⁸.

Eis a imagem que os contemporâneos tinham de Camões antes da partida para a Índia.

Deve referir-se também que ainda em Lisboa o poeta fez representar dois dos seus autos: o dos *Enfatriões* e o de *El-rei Seleuco*. São tentativas de um principiante que não tencionava fazer carreira neste género, apesar da qualidade estética e da consciência dramática de que fazem prova.

Camões parte para Goa a 24 de Março de 1553, na esquadra de Fernão Álvares Cabral. A viagem durava cerca de seis meses; assim, o poeta repetia a experiência de Vasco da Gama, pouco mais de 50 anos depois. Partiu por vontade sua ou tratava-se de condição imposta pelo rei na carta de perdão? É bem possível que fosse por vontade própria, já tinha 28 anos, a vida dissipadora de Lisboa

⁶ *Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista. Histórias e ditos galantes que sucederãõ e se disserãõ no Paço* [Contendo matéria biobibliográfica inédita de Luís de Camões e outros escritores do séc. XVI], Livraria Almedina, Coimbra, 1980.

⁷ Motivadas por um problema: a paixão de Jorge da Silva pela infanta D. Maria, irmã de D. João III.

⁸ Anedota CIV.

CANTO I

- 1 As armas e os Barões¹ assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;
- 2 E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas²
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
- 3 Cessem do sábio Grego e do Troiano³
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

- 4 E vós, Tágides minhas⁴, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham enveja às de Hipocrene.
- 5 Dai-me ãa fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou fruta ruda⁵,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.
- 6 E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade⁶,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;
- 7 Vós, tenro e novo ramo florecente
De ãa árvore, de Cristo mais amada⁷
Que nenhua nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele pera si na Cruz tomou);

NOTAS DO CANTO I

- ¹ *As armas e os barões* – imitação do verso de Virgílio *armae virumque cano*, da *Eneida*, que serve de modelo a *Os Lusíadas*; *barões* – homens de mérito e de valor; o termo já se usa na Idade Média, mas aqui não tem qualquer conotação nobiliárquica; *Por mares nunca de antes navegados* – o tema da inauguração, da inovação ou mesmo da transgressão é caro ao poeta, que o exprime por diversas formas (abrir, quebrar, cortar, arar, etc.): *da ocidental praia lusitana* – Portugal, considerado na sua situação geográfica; *Taprobana* – Ceilão, ilha considerada o fim dos limites conhecidos.
- ² *Terras viciosas* – porque desconheciam o cristianismo e se entregavam a religiões corrompidas; *Se vão da lei da morte libertando* – os que pelas obras se tornaram famosos, libertando-se assim do esquecimento (lei da morte); *O engenho e a arte* – o *engenho* é o talento poético, o «ingenium»; *a arte* – os preceitos da poética.
- ³ *Cessem do sábio grego e do troiano* – o *sábio grego* é Ulisses na *Odisseia*, de Homero; *Camões vê-o* sobretudo na sua faceta de homem ardiloso, prudente, hábil e facundo, ou seja, eloquente, embora esta possa ser enganadora; o *troiano* é Eneias, herói da *Eneida*, de Virgílio; *Alexandro* – Alexandre, o Grande, ou Magno, rei da Macedónia que expandiu o império até à Índia; *Trajano* – imperador romano, Marcus Ulpius Trajanus Crinitus, que comandou as legiões e as levou à conquista da Dácia; *O peito ilustre lusitano* – o peito designa o coração, a sede do valor e da valentia; *Neptuno e Marte* – os deuses do mar e da guerra; *A Musa antiga* – toda a poesia dos gregos e dos romanos que o poeta quer exceder.
- ⁴ Inicia-se a **invocação**. *Tágides* – em vez das musas, Camões invoca as ninfas ou as «filhas» do Tejo; o nome foi da lavra do humanista André de Resende; *Em verso humilde* – Camões refere-se à poesia bucólica; *Um som alto e sublimado, / um estilo grandíloco e corrente* – pede-se a eloquência própria da epopeia, elevada e fluente (corrente); *porque de vossas águas Febo ordene* – Febo ou Apolo, deus que preside às musas; *Que não*

CARTA I¹

[*Escrita de Ceuta*]

ESTA VAI COM A CANDEIA² na mão morrer nas de V. M³.; e, se daí passar, seja em cinza, porque não quero que do meu pouco comam muitos. E se, todavia, quiser meter mais mãos na escudela⁴, mande-lhe lavar o nome, e valha⁵ sem cunhos.

¹ Publicada em 1598; pode datar-se de 1550, embora sem um rigor absoluto, uma vez que a estada em Ceuta foi anterior à partida para a Índia, em 1553. Esta carta longa, enorme, enfadonha, faz pensar nos vagares de um soldado sem nada que fazer, nos intervalos das surtidas ou das correrias do serviço militar. Revela um estilo requintado, culto, rebuscado, sinuoso, o que leva a pensar que o destinatário é um amigo com cultura semelhante e linguagem comum; está repleta de jogos de palavras e cita poetas castelhanos e portugueses, provavelmente de cor (Garcilaso, Manrique) e trechos da *Crisfal*. Emprega o castelhano com familiaridade e um tom que, por vezes, se diria vicentino. A dualidade das línguas feita sem-cerimónia recorda os *Disparates da Índia*. De mistura com o tom zombeteiro, encontram-se formulações de desengano muito filosóficas e elaboradas: «Tudo tão pouco dura como o passado prazer», afirmação que joga como antecedente dos versos «Ali vi o maior bem / Quão pouco espaço que dura» da estrofe 6 das redondilhas *Sóbolos rios*. Da mesma forma, «A morte, até matar, mata», ou seja, existe morte na vida quotidiana. Tudo isto denota um lastro de desengano e de melancolia disfarçada sob a aparência de facécia.

² *Candeia* – o mesmo que vela. O autor quer que o destinatário queime a carta ou, se a mostrar, que o faça sob anonimato.

³ Vossa Mercê. Sobre o destinatário, os termos que o autor usa sugerem tratar-se de um homem «de qualidade», de classe social ou, pelo menos, de formação cultural elevada.

⁴ Tijela, gamela.

⁵ Valha pelo seu valor, como a moeda. O cunho equivale, na carta, ao nome do autor.

*La mar en medio y tierras he dejado
De cuanto bien, cuitado, yo tenta.*

Mas

*¡Cuán vano imaginar, cuán claro engano
Es darme yo a entender que, con partirme,
De mí se ha de partir un mal tamaño!*⁶

Quão mal está no caso quem cuida que a mudança do lugar muda a dor do sentimento! E se não, diga-o *quién dijo que la ausencia causa olvido*⁷. Porque, enfim, *la tierra queda, e o mais a alma acompanha*. Ao alvo destes cuidados jogam meus pensamentos a barreira⁸, tendo-me já, pelo costume, tão contente de triste, que triste me faria ser contente; porque *o longo uso dos anos se converte em natureza*⁹. Pois *o que é pera mor mal, tenho eu pera mor bem*. Ainda que, pera viver no mundo, me debruo de outro pano, por não parecer coruja entre pardais, fazendo-me um pera ser outro, sendo outro pera ser um¹⁰; mas *a dor dissimulada dará seu fru[i]to*, que a tristeza no coração é como a traça no pano.

*E por tão triste me tenho
Que, se sentisse alegria,*

De triste, não viveria.

*Porque a tal sorte vim,
Que não vejo bem algum*

⁶ Versos de Garcilaso de la Vega.

⁷ Hernâni Cidade, 1964, vê nesta frase, aliás metrificada, «o começo de um soneto de Boscán».

⁸ Paredes em que se colocam os alvos (Hernâni Cidade, *ibidem*).

⁹ Versos da écloga *Crisfal*. Tema comum à restante obra, particularmente das redondilhas *Sóbolos rios*. Tendo em conta que a data desta carta tem de ser muito anterior à redacção das famosas redondilhas, pode admitir-se que se trata de um conceito «proverbializado», dois versos em redondilha maior que o poeta introduz no discurso.

¹⁰ Preciosismo retórico ao gosto dos literatos da época.